

VILÉM FLUSSER
isto não passar de pesadelo kafkiano. "Acordarei", diz o coitado, "e recontrairfei atrás das máscaras as pessoas que conheço". Mas por mais que se belisque, a cena não se desfaz em neblina. A segunda reação é a de que os outros estão sonhando, ou estão debaixo de hipnose, e que é preciso acordá-los. Nesta esperança o coitado procura comunicar-se com os funcionários de maneira humana. Ai descobre que a sua atitude humana é tomada por excêntrica e cômica pelos participantes do rito, e que não são eles os alienados, mas ele. Finalmente procura participar inteiramente do ato, imitando os gestos, as atitudes, e a terminologia dos outros. Para isto precisa vencer não apenas a barreira do ridículo, mas também a barreira da honestidade. No começo falha na sua tentativa, por razões semelhantes pelas quais falha aquele que re-torna à caverna para brincar com sombras. Mas com o tempo aprende e passa a funcionar como os outros, integrou-se, deixou de ser alienado.

O rito que acabo de descrever tem finalidade. A finalidade é o produto visado pelo aparelho. (Por exemplo: parafusos, leis, alunos formados.) Mas a finalidade é problematizada por pelo menos dois fatores. O primeiro é a complexidade da engrenagem que faz com que o produto esteja encoberto pelas rodas e alavancas. Entre o funcionário e o produto estão as repartições, as comissões e os departamentos, de maneira que o produto esvanece. O segundo fator que problematiza a finalidade do rito é a motivação do funcionário, e que não é necessariamente, nem exclusivamente, o produto do aparelho. Quem entra em fábrica de parafusos, não visa necessariamente fazer parafusos, mas necessariamente visa ser membro, ("mato" ou adoptivo), de um departamento. O interesse do funcionamento, originalmente investido no produto do aparelho, é desviado para o aparelho mesmo. O produto tende a transcender o horizonte do funcionário, e como tal torna-se indiscutível. Imagine-se um o espanto causado por aquele que propuzesse em mesa redonda numa fábrica de parafusos a discussão da utilidade de parafusos.

Mas simplifiquei o problema. Descrevi a situação como se fosse a seguinte: quero fazer parafusos. Quero, porque gosto de parafusos, e porque quero ser útil, à minha maneira, à sociedade e quero viver disto. Entro em fábrica de parafusos. Verifico que preciso integrar-me na sua engrenagem, ou morrer de fome e nunca fazer parafusos. E verifico que a minha integração na engrenagem modifica a minha forma de ser, (digamos, humana), e afasta os parafusos. No entanto, a situação não é tão simples. Há alguns, (talvez a maioria), que se adaptam gostosamente ao aparelho, e nele se sentem como peixes na água. São funcionários matos. A cena que descrevi é a sua maneira autêntica de ser e de conviver com os outros. Realizar-se como membros de repartições, e investir comitês com interesse existencial, como se comitês fossem algo. Receio que estes seres são os portadores do futuro, já que os aparelhos moem o seu paraíso. Mas, felizmente, os recentes movimentos da juventude européia e americana parecem querer desmentir meu receio.

Devo portanto distinguir entre funcionários matos e naturalizados. (Porque

VILÉM FLUSSER

funcionários somos atualmente todos.) E o problema do qual trato, o da banalidade do mal, se dá apenas para os naturalizados. Os outros vivem ao melhor dos mundos. Pois em que consiste essa banalidade do mal, do ponto de vista do funcionário naturalizado? Creio que nisto: na sua tendência obstinada de transferir os valores pré-aparelhísticos para o aparelho. Por exemplo: o valor do diálogo aberto, o valor da amizade, o valor da busca da verdade, o valor da busca da realização de si mesmo na obra. Estes valores são humanos e não cabem dentro do aparelho. O funcionário assim equipado toma as atitudes dos demais funcionários por falsidades, por má fé, por resultados de motivos subalternos, quando na realidade são autênticas atitudes do funcionamento. O seu engano é este: continua tomando os outros funcionários por aquelas pessoas que conheceu fora do aparelho, quando, na realidade, são rodas da engrenagem. É um engano ontológico o seu. E neste engano banal reside o mal disto tudo. E pode ser resumido na seguinte sentença: para o funcionário naturalizado o aparelho é um mal infelizmente necessário para alcançar o produto, e para o funcionário o aparelho é um bem em si mesmo.

A transformação ontológica sofrida por uma pessoa no aparelho, a sua mutação para funcionário, é um espetáculo terrificante para o funcionário apenas naturalizado. Não reconhece mais no funcionário o outro. Mas quando descobre a banalidade deste mal, reconquista o senso de ironia. E este senso de ironia me parece ser a única salvação da situação que nos cerca. Dedicarei o resto deste artigo à consideração desta possibilidade.

O ideal da liberdade é, creio, o mais empolgante entre todos. Certamente, como valor, é superior ao da vida, e "gives me liberty, or give me death" não é uma frase vazia. Não entrarei na discussão da problemática da liberdade. Não discutirei como ela é problematizada pela determinação no plano da natureza, e pela liberdade dos outros no plano da sociedade. Direi apenas que a liberdade, com toda a sua problematidade, é a máxima tarefa da vida. Conquistar constantemente a sua liberdade é viver dignamente. Perto do fim do Fausto Goethe diz: "Ja, diesen Sinne bin ich ganz ergeben, das ist der Weisheit letzter Schluss: nur der verdient sich Freiheit und das Leben, der taglich sie erobert muss". (Sim, a isto estou inteiramente dedicado, isto é a derradeira conclusão da sabedoria: apenas aquele merece liberdade e vida, quem precisa conquistá-la diariamente). Conquistar constantemente a liberdade, para realizar sua vida em obra, acrescentarei, é o cício perfeitamente dentro do espírito goethiano.

Pois atualmente esta conquista da liberdade deve dar-se em luta, não tanto contra a natureza ou contra os outros homens, mas contra o aparelho em sua crença infra-humana. E deve dar-se na dependência dos aparelhos, sem os quais sobreviver é impossível. Numa dependência tão dramática quanto o foi, antigamente, a dependência da natureza e da sociedade. De forma que o grito do Ipiranga é um exagero. Não se trata de independência ou morte, mas de liberdade na dependência ou morte. Não podemos ser independentes dos

VILÉM FLUSSER

aparelhos, mas podemos constantemente lutar para sermos livres deles. Esta liberdade reside na nossa superação do aparelho pela nossa transcendência como homens. Pela atitude irônica que podemos assumir diante deles. Esta ironia não é necessariamente uma atitude passiva. Podemos, a partir dela, perfeitamente participar dos aparelhos com a finalidade de alterá-los. Mas devemos participar do seu jogo não com o fito de ganhar, mas de alterar o jogo. Não devemos esquecer nunca que se trata de jogo, e de jogo extremamente chato, mas de jogo sério no sentido de necessário para a nossa sobrevivência imediata. Mas se a liberdade é valor superior à vida, podemos conservar a nossa ironia e despoitô disto.

Em suma: devemos reconhecer que o aparelho é um mal, um mal necessário e inevitável. Mas que é um mal banal, e que pode ser superado por esta sua banalidade. Esta banalidade reside, creio, a nossa esperança, como indivíduos, e como sociedade.